

BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005.

Márcio de Souza Porto
Universidade Federal do Ceará

Malgrado algumas controvérsias, a partir da segunda metade da década de 1960, tornou-se ponto comum aos estudos que se dedicam à história da Igreja Católica no Brasil, o reconhecimento do Concílio Vaticano II como evento eclesialístico que representou o fim de uma fase de longa duração iniciada com o Concílio de Trento (1545-1563).

O Vaticano II, ao conceber a Igreja enquanto realidade situada no tempo e no espaço, abriu horizontes de incertezas, de redistribuição do poder interno da Igreja, de legitimação de novos organismos e experiências eclesiais, além do diálogo com o ecumenismo. Durante suas quatro Sessões Conciliares (1962-1965), constituiu complexos movimentos de alterações dos padrões de verticalidade no exercício da autoridade da Igreja, criticou a visão ingênua de um monolitismo de posições dentro da Instituição Católica, repensou sua liturgia e operacionalizou novas relações com as demais Igrejas, comunidades cristãs e religiões, inclusive com os não-crentes, com a cultura e sociedade modernas e o mundo em geral.

O padre José Oscar Beozzo defendeu em 2001, junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sua tese de doutorado, orientada pela Profa. Dra. Maria Luiza Marcílio. Em 2005, seu trabalho foi publicado pela Editora Paulinas, com o título de *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959 – 1965*.

Trata-se de obra indispensável para todos aqueles que buscam uma maior compreensão de como o Concílio diminuiu o secular predomínio dos órgãos da Cúria Romana sobre as Igrejas locais e permitiu, através de atritos e disputas, uma maior valorização dos bispos como sujeitos responsáveis pelas Igrejas de seus próprios países ou em dimensão continental. Como o próprio título da obra sugere, Beozzo busca historicizar e demonstrar que o

ineditismo e o fator de maiores conseqüências durante e após a assembléia conciliar foi a participação dos bispos brasileiros e latino-americanos.

O recorte temático estabelecido pelo autor permitiu analisar todos os momentos de participação do episcopado brasileiro no Vaticano II. Assim, dividiu sua obra em três blocos principais. Parte I: Anúncio e preparação do Concílio (1959-1962), composta de três capítulos. Parte II: O Concílio (1962-1965), constituída de nove capítulos. Parte III: Prosopografia do Episcopado Brasileiro, com apenas um capítulo e nove tabelas comentadas, através das quais Beozzo agrupa os bispos, seguindo determinadas características, com o objetivo de complementar as informações biográficas fornecidas no capítulo I da terceira parte, sobre o perfil de cada bispo brasileiro participante do Concílio.

Como metodologia de pesquisa, Oscar Beozzo iniciou sua investigação pelo recolhimento de documentos referentes ao Concílio Vaticano II, existentes no Brasil. Enviou correspondência a todos os bispos e peritos brasileiros que haviam participado do Vaticano II, sensibilizando-os para que cedessem seus arquivos pessoais. Esse seu primeiro procedimento permitiu a organização do conjunto documental "Fundo Vaticano II", atualmente depositado na Biblioteca da Obra Social Redentorista Pesquisas Religiosas, no bairro do Ipiranga, em São Paulo.

O acervo do Fundo Documental Vaticano II contém cerca de cinco mil documentos. Entre os manuscritos mais importantes encontram-se as "Cartas de Dom Helder Câmara", enviadas por ele durante todas as sessões conciliares para seus auxiliares da CNBB (na função de seu Secretário Geral) e para a Diocese de Olinda e Recife (para a qual foi transferido em 12 de março de 1964).

Outra fonte de inestimável valor para a história do Concílio utilizada por Beozzo e que faz parte também do Fundo Vaticano II, é o jornal mural *O Conciliábulo*, pequeno noticioso de forte teor humorístico, divulgado durante as sessões do Vaticano II, sob a responsabilidade de Dom Alberto Gaudêncio Ramos, arcebispo de Belém do Pará. O jornal transformou-se numa das maiores atrações dos bispos brasileiros hospedados na *Domus Mariae*, que atualmente é sede da Ação Católica Feminina Italiana, situada nas vizinhanças do Colégio Pio Brasileiro. Esse local foi destinado pela Cúria Romana como a residência do episcopado brasileiro durante o Vaticano II. Quase que ininterruptamente, durante as quatro sessões conciliares, *O Con-*

ciliábulo era afixado na entrada da residência para que fosse lido por todos os padres conciliares do Brasil. Oscar Beozzo não conseguiu encontrar os números do jornal produzidos durante a primeira sessão do Concílio, mas recebeu de Dom Alberto Gaudêncio Ramos os três volumes subseqüentes, pouco tempo antes do seu falecimento.

As correspondências recebidas e expedidas pela presidência, secretaria geral e diversos secretariados da CNBB - arquivadas na sua sede, em Brasília - foram reproduzidas pelo padre Beozzo e compõe também o universo de suas fontes impressas. Entre estas, teve acesso àquelas de circulação reservada, ou seja, ao *Comunicado mensal da CNBB*, destinado exclusivamente aos membros do episcopado, referentes ao recorte temático de sua tese de doutorado.

Em relação às fontes de domínio público, o autor analisou o *Boletim semanal*, editado pelo Secretariado Nacional de Opinião Pública da CNBB e pelo Departamento de Imprensa dos Religiosos do Brasil, do início até o final do Concílio em 1965. O Boletim, que recebeu o título de *Concílio em foco*, teve como seu primeiro editor o jornalista Otto Engel, estudante de teologia na Universidade Gregoriana e aluno do Colégio Pio Brasileiro. Posteriormente, sua publicação passou à responsabilidade do padre Raimundo Caramuru Barros, que consta na *Prosopografia do episcopado brasileiro*, de autoria de Beozzo, como sendo natural do Rio Grande do Norte. Na realidade, o padre Caramuru Barros é cearense de Camocim, nascido em 22 de janeiro de 1931. Dom Helder, que o chamava carinhosamente de "Abbé Barros", atribuiu-lhe a maior responsabilidade na elaboração do *Plano de pastoral de conjunto da CNBB*, aprovado em novembro de 1965, em Roma, durante a última sessão do Vaticano II. Concluiu o Seminário em Fortaleza em 1946. Em 1958, foi transferido para o Rio de Janeiro e tornou-se assistente nacional da Juventude Agrária Católica (JAC).

De igual relevância para o seu trabalho, Beozzo consultou as fontes do *Istituto per le Scienze Religiose de Bolonha* (ISR), considerada por ele a instituição que tem a custódia da mais importante documentação sobre o Concílio, constituída por fundos de cardeais, bispos e teólogos, além de toda a documentação produzida pelo Papa João XXIII. Fora o *corpus* documental mencionado, o ISR constituiu a mais completa biblioteca contemporânea de História da Igreja, atualmente vinculada à Universidade de Bolonha.

Outras fontes e bibliotecas consultadas encontram-se nas universidades belgas de *Louvain-La-Neuve e Leuven*, onde encontrou parte da documentação do Cardeal Leo Joseph Suenens, moderador do Vaticano II e de outros teólogos e peritos belgas que atuaram no Concílio. No Instituto Católico de Paris estão disponibilizados os documentos do Fundo Pierre Haubtmann, destacado perito conciliar e importante colaborador na redação da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Na Universidade de *Innsbruck*, na Áustria, estão os arquivos conciliares de Karl Ranner, SJ, que Beozzo considera um dos mais importantes teólogos do século XX. Na Inglaterra, Espanha e Holanda ainda estão sendo empreendidos esforços no sentido de organização das fontes documentais do Vaticano II, com ações de menor ou maior intensidade, peculiar aos interesses da Igreja e dos especialistas em estudos eclesiais de cada um desses países.

O padre Beozzo, considerado o maior difusor no Brasil das idéias do Concílio Vaticano II, identifica no continente africano o *locus* mais problemático no que diz respeito à documentação produzida por seus bispos durante o Concílio. Por outro lado, na América Latina, além do Brasil, o Chile é referido como país de atuação mais intensa e organizada no Vaticano II, em parte devido aos trabalhos do bispo de Talca, Dom Manuel Larraín, que foi presidente da Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM) no mesmo período das Sessões do Vaticano.

Para os pesquisadores e estudiosos que se dedicam a interpretação das inflexões da Igreja no Brasil, tendo como referência os anos de realização do Concílio e os seus desdobramentos, como no caso de Puebla e Medellín, esta obra de José Oscar Beozzo configura-se imprescindível especialmente em relação ao contexto que possibilitou a feição adquirida pela Igreja Católica do Brasil e da América Latina. É quase imperativa a leitura do capítulo 5 de sua tese, denominado *Pontos de articulação: as redes de relações*. Nele, o leitor encontrará as teias das relações preexistentes ao Concílio, no caso a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e a rede continental constituída pelo CELAM. No que se refere às redes de relações construídas durante o Vaticano II, o autor se detém em três instâncias, em virtude de sua importância para os bispos do Brasil:

I. A Ecumênica, reportando-se ao grupo que trabalhou para articular diversas conferências episcopais;

II. O *Coetus Internationalis Patrum*, grupo comandado pelo arcebispo Marcel Lefebvre e que tinha como Secretário Geral e maior articulador, Dom Geraldo Proença Sigaud, arcebispo de Diamantina (MG). Reunia os bispos do mundo inteiro que se vinculavam à doutrina tradicional da Igreja e combatiam os progressistas;

III. O grupo Igreja dos Pobres, no início com a participação de nove bispos brasileiros, entre eles Dom Helder e Dom Frago, que em conjunto com mais 37 bispos de outros países, assumiram um compromisso com a pobreza, firmando o que passou a ser conhecido como Pacto das Catacumbas, em reunião na Catacumba de Santa Domitila, em novembro de 1965.

O padre José Oscar Beozzo, na sua obra monumental de 611 páginas, ao estabelecer como eixo central a participação do episcopado brasileiro nas teias do tecido teológico-pastoral do Vaticano II, demonstra que, se por um lado ela foi modesta institucionalmente falando, ou seja, no que diz respeito à presença de bispos do Brasil nos órgãos de direção do Concílio, por outro, propõe uma percepção qualitativa da participação do episcopado brasileiro durante o Concílio.

Em termos numéricos, o episcopado do Brasil era o terceiro maior do Vaticano II, ultrapassado apenas pelos bispos italianos e norte-americanos. Estes dois últimos, no entanto, não dispunham da experiência de coesão e articulação da Igreja do Brasil, proporcionada pela estrutura e metodologia de trabalho da CNBB, em atuação desde 1952.

Vivenciando intensamente essa dimensão de colegialidade, o episcopado brasileiro pautou-se mais por uma participação às margens do Concílio, nos seus grupos informais, que no final revelou uma significativa capacidade de pressão e influência sobre o desenrolar do mais importante evento eclesial do século XX.

COLABORADORES

AFONSINA MARIA AUGUSTO MOREIRA é doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

ÁLVARO DELLANO RIOS MORAIS é bacharel em Comunicação Social e mestrando em Sociologia pela UFC (Universidade Federal do Ceará).

ANTONIO OTAVIANO VIEIRA JUNIOR é doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professor do Departamento de História da UFPA (Universidade Federal do Pará).

CLARA SARAIVA é pesquisadora do Instituto de Investigação Científica Tropical e docente convidada do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

CRISTINA RODRIGUES HOLANDA é mestre em História Social pela UFC (Universidade Federal do Ceará), assessora do IMOPEC (Instituto da Memória do Povo Cearense) e professora de história do Museu do Ceará.

EDUARDO DIATAHY BEZERRA DE MENEZES é professor emérito da UFC (Universidade Federal do Ceará) e titular do Mestrado e Doutorado em Sociologia da UFC (Universidade Federal do Ceará).

GILMAR DE CARVALHO é doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professor do Departamento de Comunicação Social e do Mestrado em História Social da UFC (Universidade Federal do Ceará).

ISMAEL PORDEUS JR é doutor em Sociologia e Antropologia pela Universidade Lyon 2 e professor titular do Mestrado e Doutorado em Sociologia da UFC (Universidade Federal do Ceará).

JOSÉ ERIVAN BEZERRA DE OLIVEIRA é bacharel em Ciências Sociais pela UFC (Universidade Federal do Ceará) e mestre em Literatura pela mesma universidade.

MARCIO DE SOUZA PORTO é mestrando em História Social pela UFC (Universidade Federal do Ceará).

MARIA FLORICE RAPOSO PEREIRA é doutora em Sociologia pela UFC (Universidade Federal do Ceará) e professora do Departamento de Geografia da mesma universidade.

MARTINE SUZANNE KUNZ é doutora em Literatura pela Universidade de Sorbonne VII (Paris) e professora do Departamento de Letras Estrangeiras e do Mestrado em História Social da UFC (Universidade Federal do Ceará).

MEIZE REGINA DE LUCENA LUCAS é doutora em História pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e professora do Departamento de História da UFC (Universidade Federal do Ceará).

MERILANE COELHO é mestre em Sociologia pela UFC (Universidade Federal do Ceará) e pesquisadora.

PAULA VIRGÍNIA PINHEIRO BATISTA é licenciada em História pela UECE (Universidade Estadual do Ceará) e mestranda em História Social pela UFC (Universidade Federal do Ceará).

RALPH DELLA CAVA é phd em História Latino-Americana pela Columbia University e professor da Columbia University e da University of New York.

ROBÉRIO AMÉRICO DE SOUZA é doutor em História pela UFF (Universidade Federal Fluminense).

RONALDO SALGADO é mestre em Literatura pela UFC (Universidade Federal do Ceará) e professor do Departamento de Comunicação da mesma universidade.